



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB INSTITUTO DE
LETRAS – IL**

DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP

UMA CONTRIBUIÇÃO AO DICIONÁRIO ASURINÍ DO TOCANTINS – PORTUGUÊS

Isabela Cristina Aquino FREIRE

Ana suelly Arruda Câmara Cabral (Orientadora)

SUMÁRIO

RESUMO.....	03
1. INTRODUÇÃO	04
1.1. OBJETIVOS	05
1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	05
1.3. METODOLOGIA	05
1.4. JUSTIFICATIVA.....	06
2. UM POUCO SOBRE O POVO.....	06
3. SOBRE A LÍNGUA.....	09
3.1. ASPECTOS FONOLÓGICOS	10
3.2. ASPECTOS MORFOLÓGICOS.....	12
3.3. SINTAXE.....	15
3.4. LÉXICO.....	16
4. O DICIONÁRIO.....	17
4.1. MINHA CONTRIBUIÇÃO.....	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

Resumo:

Este estudo é uma contribuição ao Dicionário Asuriní do Tocantins – Português de autoria de Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e Aryon Dall’Igna Rodrigues (2003), no sentido de incluir novos dados nessa obra, ampliando o número de verbetes com lemas não considerados na primeira edição do Dicionário. O estudo é parte do projeto de revisão e ampliação do dicionário em pauta, o qual, por sua vez, é parte do projeto “Projeto lexicografia de línguas indígenas brasileiras (dicionários de língua)” (2003-atual), de forma a servir com mais propriedade à formação de professores Asuriní para o ensino de sua língua nativa nas escolas das aldeias, permitindo também aos demais usuários assim consultar sobre as palavras e seu uso na língua Asuriní. O estudo é um dos requisitos do Curso de Letras – Português do Brasil como Segunda Língua (Licenciatura) da Universidade de Brasília, e foi construído e desenvolvido sob orientação da professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. Os percursos metodológicos foram os usados na pesquisa de acervos, no caso específico, no acervo escrito da língua Asuriní do Tocantins. Em que foram selecionados dados que ainda não continham no Dicionário em pauta. Depois da pesquisa, o material coletado foi depositado em um banco de dados e, em seguida, inserido no dicionário, observada a microestrutura do mesmo. Os resultados da pesquisa são fundamentais para a ampliação do dicionário Asuriní do Tocantins – Português e para o uso deste pelo povo Asurini, cuja língua nativa encontra-se fortemente ameaçada de extinção.

Palavras-chave: Lexicografia, Dicionário Asuriní do Tocantins -Português, Família Tupí-Guaraní, Subramo IV, Tronco tupí, Línguas Indígenas brasileiras.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo é uma contribuição ao Dicionário Asuriní do Tocantins – Português, fruto da pesquisa de Ana Suely Arruda Câmara Cabral junto aos Asuriní entre 1996-2010, e contou com colaboração das lideranças Asuriní, Poánga Katóa, Porakê, Sakamiramé, Henonewára, Kosápo'ya, Kosakwéna, Kasuangáwa, Wyrá e Wawewohóa, nove dos 40 falantes plenos e conservadores vivos na época da pesquisa.

O Asuriní do Tocantins é uma língua do subramo IV da família linguística Tupí-Guaraní, segundo a classificação interna dessa família proposta por Rodrigues (1984-1985), juntamente com as línguas Parakanã, Tapirapé, Avá-Canoeiro, Tembê, Guajajára e Turiwára. Dessas línguas, o Turiwára tornou-se extinta e o Asuriní do Tocantins e o Parakanã (cf. Aquino, 2010; Cabral et al 2012) e o Avá-Canoeiro (Silva, 2019) são as línguas desses subramo mais ameaçadas de extinção.

O Asuriní do Tocantins foi classificado por Rodrigues (2011) no subramo IV da família Tupí-Guaraní por compartilhar com as demais línguas os seguintes traços:

Subconjunto IV

Características mais gerais em relação ao PTG:

- (a) conservação das consoantes finais, com ou sem modificações;
- (b) fusão de **tx* e **ts*, ambos mudados em *h*;
- (c) mudança de **pwem kw*;
- (d) mudança de **pj* em *tx* ou *ts*;
- (e) mudança de **j* em *tx*, *ts*, ou *z*.

Línguas e/ou dialetos:

Tapirapé

Avá (Canoeiro)

Asuriní do Tocantins (Akuáwa) Suruí do Tocantins (Majetére) Parakanã

Guajajára Tembê

Exemplos: (a) PTG **oker* "ele dorme", Tembé *okér*, Asuriní do Tocantins *óken*, Parakanã *oken*; (b) PTG **jatxy* "lua", Tembé *zahy*, Asuriní do Tocantins *txahya*, Parakanã *txaya*, Tapirapé *txãhy*, PTG **otsó* "ele vai", Tembé *ohó*, Asuriní do Tocantins *áha*; (c) PTG **opweráb* "ele se recupera", Tembé *okweráw*; (d) PTG **atsepják* "eu o vejo", Tembé *aetsák*, Asuriní do Tocantins *aétxang*; (e) PTG **jakaré* "jacaré", Tembé *zakaré*, Asuriní do Tocantins *txakare*, Tapirapé *txãkãré*.

O asuriní do Tocantins é mais próximo do Parakanã. Em seguida, pelo grau de proximidade genética vem o Tapirapé e, em seguida, o Parakanã, o Tembé, o Guajajara e o Avá-Canoeiro. Essa língua ainda precisa ser melhor classificada dentro do subramo IV (Cabral, comunicação pessoal).

No que segue, apresentamos os objetivos do trabalho sua metodologia e justificativa.

1.1 Objetivos

O presente estudo tem como objetivo contribuir com a ampliação do dicionário Asuriní do Tocantins Português com vistas ao uso pleno desse dicionário pelos professores Asuriní no ensino da língua nativa nas escolas das aldeias, assim como pelos demais Asuriní.

1.2 Objetivos específicos

- a) ampliar os verbetes que têm como lema verbos transitivos, intransitivos, inclusive os estendidos e nomes;
- b) ampliar o número de nomes – antropônimos, topônimos, etnônimos, nomes de animais, plantas, partes do corpo, dentre outros;
- c) contribuir com uma revisão das traduções para o português dos lemas e exemplos contidos no dicionário.

1.3. Metodologia

O primeiro passo para o desenvolvimento do estudo foi a leitura do dicionário e da bibliografia mais relevante sobre o povo e a língua Asuriní. Esta etapa foi crucial para que eu aprendesse sobre o povo e sua língua. Da bibliografia consultada, duas obras foram fundamentais: a tese de doutorado de Lúcia Mendonça Morato de Andrade "Corpo e o cosmos: relações de gênero e o sobrenatural entre os

Asuriní do Tocantins (1992) e o livro “Contribuições para o Inventário da Língua Asuriní do Tocantins (2012) de autoria de Cabral et al (2012). Em um segundo momento minhas leituras concentraram-se no estudo de dicionários de línguas indígenas brasileiras, para poder situar a importância do Dicionário Asuriní do Tocantins – Português no âmbito no panorama dos demais dicionários. A tese de Jorge Domingues Lopes (2014) “Uma interface da documentação linguística e modelos lexicográficos para línguas indígenas brasileiras: uma proposta para o Suruí-Aikewára” foi o caminho que me levou a esse conhecimento.

1.4 Justificativa

O Dicionário Asuriní do Tocantins - Português foi a primeira iniciativa de construção de um dicionário em processo, que pudesse sempre poder ser atualizado com novos dados. No momento que o dicionário em pauta foi iniciado, as preocupações dos envolvidos voltavam-se para várias questões que eram preocupações dos Asuriní, de forma que o tempo disponível para a publicação de uma primeira versão não pode incluir muitos dados, os quais ficaram de fora.

O presente estudo é uma colaboração para que parte dos dados que ficaram de fora da versão impressa possam ser inseridos e o dicionário tenha uma versão digital que inclua esses dados e que esteja aberta para inclusão de outros dados.

2. Um pouco sobre o povo

O povo Asuriní vive em uma região que durante muitos anos sofreu muitas mudanças devido a construções de uma usina, estradas, e casas para trabalhadores não indígenas na periferia da Terra Indígena. Em Tucuruí ocorreu a construção da Usina Hidrelétrica que causou muitos impactos ambientais para os povos dessa região, como foi o caso dos Asuriní. Além dos impactos ambientais, uma enchente que ocorreu em 1980 os obrigou a mudarem de lugar. A implementação da usina também provocou mudanças socioeconômicas em toda a região.

Com o aumento da população e serviços na região, devido a implementação da hidrelétrica, o governo do Pará iniciou a construção de rodovias que iriam facilitar o transporte de carga e de pessoas entre as regiões, por exemplo, a região de Trocará foi cortada pela rodovia Transcametá.

A Transcarnetá mudou radicalmente a vida dos indígenas, que, a partir de então, transferiram sua comunicação com o núcleo urbano de Tucuruí do rio Tocantins para a via terrestre, uma vez que, a partir da estrada, qualquer meio de transporte pode ser utilizado, desde carros e caminhões, bicicletas e até mesmo a pé. A estrada foi construída na década de 70, sem que os indígenas fossem consultados, ou sequer informados do projeto. Os Asuriní contam que tomaram conhecimento da obra quando os tratores começaram a atravessar a reserva. (Pedrazzani & Leitão, 2012, p. 75).

Devido a essas construções e manutenções da Transcarnetá, os indígenas foram prejudicados de diversas formas, e na tentativa de revidar e tentar parar a obra, segundo Pedrazzani e Leitão (2012, p.75)

“[...] exigiram como indenização pelos prejuízos advindos da implantação da rodovia a eletrificação da aldeia e a construção de casas”. Sendo assim, por muito tempo, a comunidade continuou reivindicando a energia elétrica gratuita para as casas e aldeias, até que eles conseguiram e hoje em dia a aldeia usufrui da energia elétrica que permite a distribuição de água encanada, iluminação em áreas comuns, e possibilitou o uso de eletrodomésticos nas aldeias devido a energia elétrica.” (Pedrazzani e Leitão, 2012, p.75)

Também como forma de pagar a indenização, Pedrazzani e Leitão (2012, p. 76) afirmam que “[...] foram construídos, na aldeia Trocará, os prédios da escola, da farmácia, e quarenta e duas casas de alvenaria destinadas a residência dos índios”.

De acordo com Pedrazzani e Leitão (2012, p. 76), após a construção da escola na aldeia Trocará, a educação aos indígenas sofreu algumas mudanças, por exemplo, por volta de 1983 a escola de Trocará foi acrescentada a rede estadual de ensino e teve que seguir o calendário de escola não indígenas. Na escolarização da comunidade dos Asuriní houve um retrocesso, pois a educação passou a ser baseada e ensinada de acordo com escolas não indígenas. Os professores não recebiam nenhum tipo de treinamento para se trabalhar com os indígenas, desenvolver atividades educacionais para essa comunidade, o que afetou bastante na educação escolar deles, pois os indígenas devem ser alfabetizados na própria língua e cultura.

Apesar desse impacto negativo em relação à educação escolarizadas dos indígenas, alguns projetos foram criados para o benefício das pessoas nas aldeias, como o “Esporte para Todos”.

Outro modo de impacto sofrido vem por meio de projetos, como, por exemplo, o “Esporte para todos”, que desenvolveu suas atividades junto aos Asuriní da Terra Indígena Trocará entre 2004 e 2007, seguindo a experiência bem sucedida entre os Suruí. O projeto foi desenvolvido pela Secretaria de Estado de Esporte e Lazer – SEEL e teve como objetivo “resgatar valores culturais” e promover a autoafirmação e autoestima dos índios. Dentre as atividades propostas pelo projeto estão futebol, cabo de guerra, arco e flecha, corrida, natação, dança e produção de artesanato. (Pedrazzani &Leitão, 2012, p. 76).

Esse projeto foi recebido positivamente pelas aldeias, onde os participantes podiam viajar para participar de competições como “os jogos indígenas do Brasil e do estado do Pará”, e podiam apresentar para todos um pouco da sua cultura, assim como recuperar tradições. Alguns outros programas também foram intitulados e que têm ajudado bastante a comunidade, como, por exemplo, a aposentadoria rural por idade, auxílio maternidade, que apesar de serem poucos casos, auxilia na economia de algumas famílias.

Em relação à economia e sustento do povo Asuriní, eles praticam a venda de produtos naturais nas cidades, por exemplo, açaí, bacuri, castanha do Pará, farinha de mandioca e também o artesanato, que apesar de ser uma fonte de renda, não é o suficiente para o sustento de coisas básicas, por exemplo, sal, açúcar, roupas etc. Sobrevivem se alimentando de pequenas caças, da pesca que não é grande, e também do plantio de alimentos e das árvores frutíferas.

Tradicionalmente, os Asuriní viviam em pequenas aldeias, praticando uma agricultura de subsistência baseada no cultivo de milho, mandioca, batata doce e feijão, complementada pela caça e pesca, bem como pela coleta de frutos da floresta. (Miller, 2012, p. 85).

Devido à grande exploração do solo com as plantações, com o tempo, o solo se tornava infértil, com poucos nutrientes, impossibilitando novos plantios, e como solução a esse problema, o povo deixava suas aldeias para trás e ia em busca de novos lugares, com solo fértil para poder realizar novas plantações e conseqüentemente a construção de novas aldeias. Essas mudanças geradas devido ao

esgotamento do solo acabam se tornando um problema para a economia dos Asuriní, pois interfere diretamente na venda de seus produtos.

De uma forma geral, porém, o esgotamento do solo na zona de entorno da aldeia e o crescente afastamento das roças têm levado à diminuição na venda de produtos agrícolas como componentes da economia Asuriní e à ênfase em outras atividades geradoras de renda que não sejam a agricultura, bem como a dependência nos benefícios sociais para comprar alimentos. (Miller, 2012, p. 87).

Além da agricultura, a pesca também faz parte da rotina do povo, mesmo que em pequena escala, auxilia na economia e sustento das famílias. Existe a comercialização local da pesca e também pelas cidades, principalmente em Tucuruí. De acordo com Carvalho Junior (2012, p.101) “É uma pesca diversificada, de pequena escala, mas com grande inserção social, econômica e cultural, que permanece muito dependente de demandas externas”. A pesca pode ser realizada em vários períodos do ano, com diversas espécies de peixes, e pode ser realizada ocasionalmente, em épocas específicas que dá mais peixes. A agricultura e a pesca são os principais meios de sobrevivência e sustento do povo Asuriní e outros.

3. Sobre a língua

A língua Asuriní é uma das línguas que mais corre risco de extinção no Brasil, desde quando os indígenas foram obrigados a aprender o português para se comunicar e interagir com os brancos, por volta de 1953, e tiveram que deixar de usar sua língua em diversas situações. A maioria dos indígenas começaram a falar sua língua somente no âmbito familiar, dentro de suas casas. Após algumas décadas, muitas famílias não tinham a língua Asuriní como primeira língua, o que impulsionou a não transmissão da língua nativa para as próximas gerações.

Cabral, Lopes, Couto e Silva e Sousa (2010) elaboraram um esboço de traços fonológicos e morfossintáticos do Asuriní do Tocantins, os quais reproduzimos aqui. Os dados que serviram de base para esse esboço foram coletados ao longo de 14 anos por pesquisadores do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília.

3.1 ASPECTOS FONOLÓGICOS

Os autores identificam dezoito fonemas segmentais, dentre os quais treze consoantes /p, t, k, k^w, ʔ, m, n, l, l^w, s, h, r, w/ e cinco vogais /i, E, i, a, o/. No âmbito da fonética, as consoantes são classificadas segundo quatro pontos de articulação – bilabial, coronal, velar e glotal –, e cinco modos de articulação – oclusivo, fricativo, africado, nasal e aproximante. Há duas vogais anteriores, duas centrais e uma posterior. Dois graus de altura distinguem as vogais anteriores, assim como as centrais, em mais altas e menos altas. A vogal posterior oscila entre mais alta e menos alta e se distingue também das demais pelo traço arredondado.

Consoante os autores, A alofonia presente na fala dos Asuriní que falam a variante conservadora é bastante rica. Assim, /p/ é pronunciado [pw] ou [p] diante de [i] [epwi'ta] ~ [epi'ta] 'fique aí!' e [p] nos demais casos.

/w/ [w] flutua livremente com [β] [se'ruwa] ~ [se'ruβa] 'meu pai', em margem esquerda de sílaba átona.

/t/ e em contato com /i/ têm variantes palatalizadas: /o-tí-a/ [o'tfiə] 'seu próprio nariz';

/s/ é pronunciado [j] em posição final de sílaba / nɛ rój] [nv'ruj] 'você tem dentes' e [tf] ~ [f] ~ [ts] ~ [s] nos demais ambientes /isé/ [i'tfɛ] ~ [i'fɛ] ~ [i'tsɛ] ~ [i'sɛ] 'eu'; /mása/ ['matf ə] ~ ['maf(ə)] ~ ['mats ə] ~ ['mas ə] 'cobra'.

/o/ tem três realizações [u] ~ [o] ~ [:], mas a ocorrência de [:] é exclusiva dos contextos onde a vogal seguinte é /a/ ou /ɛ/ [u,ru'βu] ~ [o,ro'βo] 'urubu', [u'rɛ] ~ [o'rɛ] ~ [:',rɛ] 'nós' (excl.).

/i/, /a/, /ɛ/ e /o/ têm variantes breves em sílabas átonas finais ([i'piə] ~ [i'pi ə] 'seu pé', [a^ʔ'?ɛ^ʔpe] 'ali', [nase'róβ,f] 'eu não tenho meu pai', [i so'ka w] 'matando-o'). /ɛ/ se realiza [ɛ] ou [e] ([ko'βɛj] ~ [ko'βej] 'rápido').

Todas as vogais podem ser realizadas ligeiramente nasalizadas em sílaba acentuada diante de uma consoante nasal: [ia'kəŋə] ~ [ia'kə̃ŋə] 'sua cabeça', e são laringalizadas precedendo ou seguindo uma oclusiva glotal [o^ʔ'?o^ʔ] 'ele come'.

A forma canônica das sílabas é (C)V(C), em que a C final deve ser aproximante coronal (j) ou nasal (m, n, ŋ). Os grupos de consoantes só são possíveis em fronteira de sílaba: a+esák\$ta /1+ver proj. / 'eu vou vê-lo

O acento é de intensidade, segundo os autores, é lexical e previsível, associado à vogal da última sílaba das raízes, de numerosas partículas e de alguns sufixos derivacionais.

A morfofonologia apresenta uma certa variedade de fenômenos:

/w/, /r/ e /k/ mudam respectivamente em /m/, /n/, /l/ diante do silêncio (-ów 'pai' → -óm, -po'ü'r 'colar' → -po'ü'n, -kotók 'picar' → -kotóy).

/k/ muda também em /l/ em fronteira de morfema diante de sufixos flexionais (*e-* '2sg.'+ *-apt' k* 'sentar-se'+ *-eme* 'proibitivo' → *e-apt' ij-eme* 'não te senta!') e derivacionais (*-apt' k* + *-eté* 'intensificador'; *-apt' ijeté* 'sentar-se bem'), exceto diante do sufixo de gerúndio (*-apt' k* + *-a* 'gerúndio' → *-apt' ka* 'sentando-se') e os sufixos nominalizadores de agente e de circunstância (*-apt' k-* + *-áw* 'nom' + *-a* 'arg' → *-apikáwa* 'lugar de se sentar').

/w/ e /r/ mudam respectivamente em /p/ e /t/ em fronteira de morfema diante do sufixo do gerúndio e dos nominalizadores de agente e de circunstância (*-?ár* 'cair' + *-a* 'gerúndio' → *-?áta* 'caindo'). em uma sequência C₁C₂ em fronteira de morfema C₁ cai (*-esák* 'ver' + *-páw* 'complemento' > *wesapám* 'ele viu tudo') exceto se C₁ é /s/ o a consoante seguinte é /t/ (*-porahájtáwa* 'lugar de dançar').

i e *o* são absorvidos em contato com um outro vocoide da mesma qualidade:

n 'neg.' + *a-* '1sg.' + *-poraháj* 'dançar' + *-ihi* 'neg.' → *n aporahájhi* 'eu não danço';

o- '3sg.' + *-ór* 'vir' → *ón* 'ele vem'; a vogal /o/ dos prefixos pessoais e relacionais tornam-se não silábicos em fronteira de morfema quando a vogal seguinte é diferente em qualidade: *o-* '3sg.' + *er-* 'CC' + *ór* 'vir' → *werón* 'ele o traz consigo'.

Os autores observam que a língua Asuriní perdeu a oposição de acento nasal/oral reconstruível para o proto-Tupí-Guaraní e, por consequência, as variantes nasais das vogais. Essa mudança também criou (a) pares de morfemas (*-kwer/-lJwér* 'passado dos nomes'; *-kató/-lJató* 'bom/bem') e (b) alomorfismo não condicionado fonologicamente (ver os alomorfes dos sufixos locativos pontual e difuso abaixo), o que, em um estado anterior, não era senão o resultado da nasalização de obstruentes orais propagada pelo acento do tema precedente

Uma mudança vocálica em cadeia conduziu a passagem de *ó a *a*, de *ã e *ãm* a *o*, e de *án e *áij respectivamente a *{'n* e *{'ij*.

3.2 ASPECTOS MORFOLÓGICOS

Características tipológicas

Segunda Cabral et al, a língua Asuriní é uma língua flexional caracterizada por um grau médio de síntese, rica em derivações, em composições, inclusive a incorporação, assim como em reduplicações. Há quarenta e um morfemas gramaticais (prefixos e sufixos, flexionais e derivacionais). Nominalizações abundam no discurso Asuriní. Posição, forma e direção são informações relevantes nas descrições sobre eventos e nas indicações de referente. As fontes de informação são requeridas quando de informações sobre eventos passados.

Os autores identificam quatro as categorias de palavras distintas por critérios morfológicos: verbos, nomes, posições e partículas. Somente as três primeiras são flexionais. Há três subclasses de nomes: *a classe cujos referentes são entidades concretas* (-áij ‘casa’, -?áij ‘sombra, espírito’), a classe cujos referentes são entidades sentidas ou percebidas (-aró ‘bonito’, -or{sáij ‘frioento’) e a classe dos elementos que recebem referentes no discurso, ou a classe dos *pronomes*. Estes últimos são *independentes*, com função enfática (*isé* ~ *sé* ‘1’, *ené* ‘2’, *sené* ‘12[3]’, *oré* ‘23’, *pehé* ‘23’), dependentes – *absolutivos* (*sé* ‘1’, *né* ‘2’, *sené* ‘12[3]’, *oré* ‘23’, *pé/pén* ‘23’, e *ergativo* (*ipé* ‘2[3]’) -, e *demonstrativos* (*pé* ‘este’, *kwé* ‘isso, ali’, *mi* ‘isso determinado’, *a?é* ‘esse’, *ijÓ* ‘aqueles’).

Os verbos são *transitivos* ou *intransitivos*. Os primeiros recebem os prefixos de voz, o causativo prepositivo e o prefixo pessoal acusativo. Os intransitivos recebem os causativos simples e o comitativo.

As partículas são:

– **adverbiais** (*{máwe* ‘há muito tempo’, *mo* ‘onde’, *pa* ‘interrogativo de confirmação’,

– **de modalidade** (*rakókwehé* ‘mítico’, *sehé* ‘boato’, *rimó* ‘provavelmente’, *t(a)* ‘propósito’, *né* ‘intenção’),

– **aspectuais** (*potá* ~ *tá* ‘projetivo’, *pané* ‘lusivo’),

– **outras partículas** (*we* ‘também/ainda’, *no* ‘repetição’, etc.

Flexão relacional

Os nomes possuíveis, os verbos e as posições são elementos dependentes e as relações de dependência entre eles e seus determinantes são marcadas por um dos quatro prefixos relacionais³: R¹ (*r-/n-* oo \emptyset -), R² (*h-* oo *t-* oo *i-* oo \emptyset -), R³ (*m-* oo *t-* oo *ʔ-* oo \emptyset - oo (V inicial \rightarrow \emptyset -) e R⁴ (*we-* ~ *wet-* ‘1corr.’, *e-* ‘2corr.’, *sere-* ‘12[3]corr.’, *oro-* ~ *orow-* oo *ara-* ‘13corr.’, *pe-* ‘23corr.’ e *o-* ~ *w-* oo *a-* ‘3corr.’).

Cada um desses prefixos dá indicações específicas: R¹ – determinante e determinado formam uma unidade sintática ([*kosápoʔía r-ehá*] ‘o olho de kosápo’ía’), R² – determinante e determinado não formam uma unidade sintática ([*h-ehá*] ‘seu olho’), R³ – determinante é genérico e humano ([*t-ehá*] ‘olho’) e R⁴ – determinante é correferencial com o sujeito ([*a - kotÓij*] [*wetj-ehá*]] ‘furei meu olho’). A distribuição dos temas dependentes com os alomorfes de R¹ serve para identificar duas classes distintas. À classe I pertencem os temas que recebem o alomorfe \emptyset - e à classe II aqueles que recebem o alomorfe *r-*. Essas duas classes se subdividem em subclasses segundo sua distribuição com os alomorfes dos prefixos R² e R³.

Flexão casual

Há cinco casos morfológicos expressos por sufixos (três *locativos* – pontual, difuso e situacional –, um *translativo* e um *argumentativo*, este último permitindo que uma raiz nominal ou verbal funcione como argumento).

- pontual **-ipe** oo **-ime** (C₋), **-pe** oo **-me** (V₋) (*kér-ipe* ‘no dormir’).
- difuso **-o** (V, C₋) ~ **imo** (Cⁿ₋) (*{w}’-o* ‘pela terra’).
- situacional **-i** (C₋) ~ **-j** (V₋) (*sé r-ewt’r-i* ‘pelo meu traseiro’),
- translativo **-amo** (C₋) ~ **-ramo** (V₋) (*ʔ-áng-amo* ‘como uma casa (de pessoas)’).
- argumentativo **- \emptyset** (e, a, \blacklozenge ₋) ~ **-a** (V, C₋) (*sé r-ená- \emptyset* ‘meu lugar’, *kosó-a* ‘a mulher’, *né \emptyset -hém-a* ‘teu sair’).

Flexões de pessoa, de voz e de modo

A categoria de pessoa sem valor correferencial é uma categoria específica dos verbos, a voz se manifesta na forma dos verbos e das

³ Categoria identificada por Rodrigues (1952) nas línguas Tupí-Guaraní.

posposições e o modo compreende certas manifestações exclusivas dos verbos e de outras próprias aos núcleos de predicados verbais ou nominais. Há três séries de prefixos pessoais:

- A série I é composta de prefixos sujeito (*a-* '1', *ere-* '2', *sa-* '12[3]', *oro-* oo *orow-* '13', *pe-* '23', *o-* ~ *w-*, *a-* '3') exclusivo do modo indicativo I (v. seção seguinte) e marcando os sujeitos dos verbos intransitivos e transitivos,

- A série II (*e-* '2' e *pe-* '23') marca o sujeito de verbos no modo imperativo,

- A série III (*oro-* '2') codifica o objeto de segunda pessoa nos modos indicativo I, subjuntivo e gerúndio.

Modo

A língua Asuriní distingue morfologicamente quatro modos: indicativo, imperativo, subjuntivo e gerúndio. Há duas variedades de indicativo afirmativo. O indicativo I se manifesta por meio de prefixos pessoais da série I (*a-há* 'eu vou', *a-iwó* 'eu o flecho'). Quando o objeto é **1** ou **2** e o sujeito **3**, o verbo não recebe o prefixo de sujeito, mas sim o relacional R¹ (*sé r-esá* 'ele me vê'; *né r-esá* 'ele te vê'). A mesma estratégia morfossintática é observada quando o sujeito é **2** e o objeto **1** (*oré r-esá ipé* 'você/vocês nos vê/veem'). Quando o objeto é **2** e o sujeito **1**, o verbo recebe o prefixo da série II (*oro-esáij* 'eu/nós (excl.) lhe vejo/vemos').

Os predicados com núcleo nominal recebem prefixos relacionais (*Rosa sé rér-a* 'Rosa é meu nome', *i-pokó* 'ela é grande'). O *indicativo II* é exclusivo das situações em que o sujeito é de terceira pessoa e o predicado verbal é precedido por uma expressão circunstancial. O verbo recebe então prefixos relacionais e o sufixo *-i* (C_) ~ *-j* (V_) (*w-álJ-ime i-kér-i* 'ele dorme em sua própria casa').

O subjuntivo é marcado por *-amo* (C_) ~ *-ramo* (V_). O verbo intransitivo recebe o relacional R¹ ou R² (*né Ø-kér-amo* 'quando você dormia', *h-orý-ramo* 'quando ele era feliz'), exceto nas situações em que o objeto é **2**, ou quando ele é correferente do sujeito do predicado principal. Nesse primeiro caso, o verbo recebe o prefixo pessoal da série III (*oro-esáij-amo* 'quando eu te vi') e, no segundo, o relacional R⁴ (*we-nopó-ramo a-sa'á* 'se você me bate, eu choro').

O gerúndio é marcado pelo sufixo *-a* (C_) ~ *-ta* (j_) ~ *-w* (V_). Os verbos intransitivos recebem alomorfes do relacional R⁴ (*a-se'éij wet*

óp-a ‘eu canto deitado’), os transitivos recebem seja relacionais, seja o prefixo acusativo (*i-suka-w* ‘matando-o’, *a-sân ka’i-a r-esak-a* ‘eu vim vendo macacos’, *oro-esák-a* ‘vendo você’).

Voz

Os verbos e as posposições são flexionados pelos prefixos de voz:

se- ‘reflexivo’ (*a-se-nopó* ‘eu me bato’, *o-se-opé* ‘para si mesmo’)

e *so-* ‘recíproco’ (*o-so-nopó* ‘eles se batem’).

Negação

O sufixo *-ihi* flexiona verbos e nomes no modo indicativo (*na-esáj-ihi* ‘eu não o vejo’).

O sufixo *-eme* (C+_) ~ **-reme** (V+_) flexiona verbos no modo imperativo (*pe-p{ht’ ij-eme* ‘não o fure!’), mas também verbos no modo indicativo I, quando estes são modificados pela marca modal de propósito ou finalidade (*t o-hó-reme* ‘para que ele não tenha’).

Reflexivos e recíprocos

1) reduzem a valência verbal original:

se- reflexivo e *so-* ‘recíproco’ (*o-se-nopó* ‘eu me bato’, *o-so-nopó* ‘eles se batem’).

Reduplicação

A reduplicação da última ou das duas últimas sílabas de um nome, de um verbo ou de uma partícula exprime modos de ação: sucessividade (*osepé:sepé* ‘um após outro’, *frequentativo* (*a-ro-sew{Í-sewt’ n* ‘eu o fiz voltar várias vezes comigo’) e *intensidade* *-kanó:kanó* ‘muito forte’.

Projeto piloto para a metodologia geral do Inventário Nacional da Diversidade Linguística

3.3 SINTAXE

Constituintes

Há sintagmas nominais, verbais e posposicionais. Nos modos indicativo, subjuntivo e gerúndio, SOV é a ordem mais frequente na oração transitiva e SV, na intransitiva. Outras ordens são também atestadas: SV(O), V(O)S, OVS. O ₁₅ sintagma posposicional, como todas as outras

expressões circunstanciais, tende a se colocar preferencialmente antes da sequência S(O)V.

Funções dos nomes, dos verbos e das posposições

Os nomes e os verbos flexionados pelo caso argumentativo funcionam como argumentos (cf. Rodrigues 1996): (-h/Í-a 'mãe', -áij-a 'casa', sé Ø-kér-a 'meu dormir', né sé kwaháw-a 'teu conhecimento de mim'). Sem morfologia casual, nomes e verbos predicam, mas os predicados com núcleo nominal são todos possessivos (sé r-áij 'eu tenho minha casa', sé r-esá h-ehé 'eu tenho lembrança dele') e aqueles com núcleo verbal são de dois tipos: (a) processuais (a-soká 'eu o mato', a-hém 'eu saio') e (b) potenciais (sé Ø-kér 'eu posso dormir').

Os predicados transitivos e intransitivos se distinguem segundo o número de argumentos obrigatórios: transitivos bivalentes (-soká 'matar', -potat 'querer') e trivalentes (-món 'dar'), intransitivos monovalentes (-hó 'ir', -?ár 'cair', -ort'w 'ser feliz') e bivalentes com o sujeito e um objeto marcado pela posposição -ehé 'em relação a' (-ma?é 'olhar', -esá 'ter lembrança'). Todos os predicados desta última subclasse exprimem atividades mentais. Os verbos transitivos em todos os modos seguem princípios pragmáticos que impedem o surgimento da marca de agente quando 1/13 agem sobre 2/23, e quando 2/23 agem sobre 1/13.

A correferência com o sujeito é obrigatoriamente expressa. Nomes e verbos recebem o relacional R⁴ quando seus determinantes são correferenciais com o sujeito da frase principal. Com relação aos verbos, essa correferência segue um padrão absoluto, manifestando o objeto no subjuntivo (we-pihóm-amo a-há tá 'se você me belisca, eu vou embora' e o sujeito no gerúndio (a-sán we-se'eijá-

Tipos de frases

O Asuriní distingue três tipos de frases independentes: declarativas, interrogativas e imperativas. As declarativas e as interrogativas são no modo indicativo, mas as últimas são marcadas pela partícula *pa* 'confirmação' colocada à direita do constituinte interrogado (*ere-há pa?* 'você vai?', *mo pa ere-há* 'aonde você vai?'). O imperativo se manifesta no verbo intransitivo ou transitivo no objeto de terceira pessoa, por meio de prefixos da série II (*e-iwó* 'fleche-o! *e-kén* 'dorme!'). As frases imperativas são afirmativas (*e-karó* 'come!') ou proibitivas (*pe-há-eme* 'não vá!'). Há uma grande quantidade de verbos que não recebem a marca do proibitivo.

3.4 Léxico

O léxico Asuriní é bastante conservador. Quase não há empréstimos no português (*papé* do português para *papel* é um exemplo). Elementos culturais emprestados dos brancos são chamados por

expressões descritivas em Asuriní. O nome *sawára*, que originalmente exprimia ‘onça’, é usado atualmente para designar ‘cachorro’; a onça foi rebatizada *sawárohó* ‘grande onça’.

4. O dicionário

A título de exemplo, apresento, por meio de uma EML, os dados de uma das microestruturas do *Dicionário da Língua Asuriní do Tocantins*, organizado por Cabral e Rodrigues (2003):

FIGURA 05 – TRECHO DO DICIONÁRIO DA LÍNGUA ASURINÍ DO TOCANTINS

<p>karóp n III ‘ontem’ karówamo aatá wehá ‘ontem eu fui caçar’</p> <p>-karótohón n III ‘esp. de abelha’ n oro’óihí karótohóna ryapíra ‘nós não bebemos mel de <i>karótohóna</i>’</p> <p>-karýj vtr Ia ‘arranhar’ akarýj ‘eu arranhei’ orokarýj ta ‘eu vou arranhar você’</p>

Fonte: Cabral e Rodrigues (2003, p. 98).

4.1. Minha contribuição: Contribuição ao dicionário da língua Asuriní do Tocantins em relação aos nomes e verbos.

Apresento, em seguida, os dados que contribuí para ampliar o dicionário Asuriní do Tocantins:

VERBOS TRANSITIVOS:

oakáng ‘ele o abraçou’

weraká iakáka ‘ele levou o outro abraçando-o’

amamanta verbo ‘abominar’

amamanta tyróa ‘eu vou jogar essa roupa’

ausé, nahápotarihí ‘não, eu não aceito ir’

e-mosym verbo ‘abaixar’, ‘diminuir’, ‘desfazer’

emosym arawasa konomia ‘o menino desceu da parreira’
 ma’eté verbo
 ama’e-té hehe ‘eu olhei bem’
 manangatón verbo ‘abreviar’, ‘diminuir’, ‘encurtar’
 amanangaton weto’ywa ‘eu encurtei minha flecha’
 ipokohu a’é ramo amonangaton ‘ficou comprido, então, diminui’
 moyryk verbo ‘abrandar (fogo)’, ‘afastar a lenha’
 moyrýng tata ‘afaste a lenha (para diminuir o fogo)’
 ahá tata moyrýka ‘eu fui para diminuir o fogo’
 -potát verbo ‘aceitar’
 apotan weseopé ‘eu aceito (o contrato) (o objeto)’
 semoming verbo ‘acalmar’
 ne se mosemoming ipe ‘você me acalma’
 isé ahá imusé mumíka apyhywéhá a’éramo i’semomiing ‘...’
 asoronía o’o soromóa ‘...’
 owetyng omemyra
 aesa kusoa wetyng omemyra
 aesá omemyra rétyngamo ‘eu vi quando perdeu criança’
 un omemyra hetyka ‘ela veio pra perder o filho’
 -wyro verbo ‘apapar’, ‘absorver’ya awyró tyrópiréra anong ‘y ‘árymo a’é ramo ‘ya isasóni ‘...’
 -monehý vtr. ‘juntar’
 samonehý ‘vamos juntar’
 -sereraháw vtr. ‘levar’
 esán ke sé reraháw eseopí t aesáng meawýra ‘venha para me levar
 junto contigo (para eu ver)’
 -omokoróm vtr. ‘fazer ferida’
 -mór vtr. ‘fazer ir’, ‘dar’
 a’éramo imóri isopé he’yá ‘então o parente deu (algo) para ele’
 -pa’á v.tr ‘apanhar’
 a’é opa’á sekwehé háwa ‘ele apanhou folha naquele tempo’
 n opa’áihi ‘não apanhou’
 -’yngé v.tr ‘experimentar’
 -satewopéwa ta’yngé osá ‘como o carrapato para experimentar’
 -mo’yphyhý vtr. ‘esperar’

a'é sekwehé osemo'ýpyhý 'então naquele tempo esperou por ele primeiro'

-wyró v.tr 'retirar, aparar mel'

ehíreté t erewyró 'para você tirar mel de verdade'

kwé wisé iwyró ehíra 'agora aparou mel'

awyró ehíra 'eu aparo mel'

-mosehóm vtr 'transformar-se'

omosehóm 'se transformou'

-emon se ope itasupo'ira' 'me dá pulseira de ouro'

-se itasu po'yra 'meu colar de ouro'

-ama'e me rehe 'eu olho para ti'

-se reaka sy'ym 'esquecer'

-sereha beka me rehe 'eu lembro de ti'

-apyhynta wekyhé 'eu vou pegar minha faca'

-a manapota neope 'eu te mandei'

-a me'eng 'eu dei'

-me ope 'para'

-oro beha pota 'você' (causativo)

-oro beaka sy'ynta 'eu te esqueço'

-norotsingapotarihi 'eu não vou gastar de ti'

-oropotary'ynta 'eu não vou te gostar'

-orobakom ta 'eu vou te alegrar'

-oro mokani'apota 'eu te causo'

-oromoroyhyng 'eu te esfrio'

-oropesu nemoroyhyka 'eu soprei para tu'

-sepirahy pota ne rehe 'estarei com raiva de ti'

-nenemo akuma'ejhi 'meu marido não te respeita'

-napobonihi 'tecer rede'

-ore poty bupota 'eu te ajudo'

-e atypang 'coar'

-osesoropitoni 'ela se pinta'

-seróa se apo mihenga 'meu pai e minha mãe me fez'

-omosong 'faz flecha'

-aapo 'ele faz'

-amosong 'ele faz'

-se roa se moswhom ‘me procriou’
 -imonehengi ‘juntar’, ‘fundir-se’
 -amomaramta ‘misturar comida’
 -amose a’e ’na ‘misturar’
 -pyhyngi ‘pego’
 -heíota ‘trouxe’
 -amo’í ‘moer’, ‘pilar’
 -amanapota ne ope ‘eu dei (mandei) para você’
 -sakaré oro’o ‘nós comemos jacaré’
 -sakaré ra’á ‘carne de jacaré’
 -ame’éng ne opé ‘eu dou para você’
 -se nopo ‘me batem’, ‘bater em mim’
 -aapojato ‘consertar’
 -mu’an ‘fez cair’
 -amokato ‘curar’
 -akwahabete imotsiwaka ‘eu sei escrever’
 -amohon sowe wekwakynga ‘eu digito o nome’
 -aj’o ‘eu bebo’
 -apa’a ‘arrancar’
 -na pa’aihi ‘não arranco’ ‘apanhar fruta’
 -amowing wepirera apotan imowita wepirera ‘eu quero arrancá-la da minha pele’
 -aounta ‘eu vou trazer’
 -uru um ahem ‘nós procuramos’, ‘fazer aparecer’
 -upynyj nyj ta’ bater em sequência com o pé’
 -uasej ‘cortar’, ‘dividir’, ‘pode ser metade’
 -pohaya o’o aka ‘ela bebe remédio (controlado)’
 --ise ipyepyramo ‘eu o chupo’
 a sam arawa mosonga ‘eu vim fazer cesto’

VERBOS INTRANSITIVOS

-o’na ‘caiu’
 asépohym verbo ‘acariciar’
 utýaromám ha’ýsa ‘já brotou’

he'yj verbo 'abundar'
 -páng verbo 'abrir-se a flor'
 ywutyra upang 'a flor abre'
 -pesó verbo 'abandar'
 opesó 'ele abana'
 poemé verbo 'calar', 'acalantar'
 epoemé '...'
 -powe'eng verbo 'acessar', 'dar sinal'
 opowe'eng óta aká 'ele veio andando dando sinal'
 sé peposáj isopé 'eu acenei (com a mão) pra ele'
 ón apowe'enga 'ele veio dando sinal'
 apowe'enga 'dar sinal chamando'
 iseheni ywýkate 'escorrer água'
 -osepiráng v.intr. 'melhorar'
 'está se descascando', 'melhorou'
 osepiráng sé rakapé 'a pele da minha barriga está se descascando', 'a pele da minha barriga está melhorando'
 na osepirángihí 'não está se descascando', 'não melhorou'
 -kasým v.intr. 'perder-se'
 okasým owé 'ele desapareceu de novo'
 -isehobi 'aparece', 'nasce', 'surge', 'se forma', 'se cria', 'existe'
 -amyna om okewtata 'chuva veio chovendo'
 -osehóm v.intr. 'ressuscitar'
 osehóm 'ele ressuscitou'
 -otiriríng v.intr. 'estalar'
 otiriríng sekwehé 'estalou há muito tempo'
 -wahém v.intr. 'chegar'
 aha sekwehe wahém 'foi chegando a coruja'
 -oapokáíta v.intr. 'som que emite a coruja'
 a'e sekwehé oapokáíta 'então, naquele tempo ela gritou (a coruja)'
 -pesewýn v.intr. 'voltar'
 pesewýn ke no 'volte!'
 -okeké v.intr. 'sumir'
 okeké ahá ipytúna no 'sumiu na noite'

-seputiká vtr. ‘ficar’
 aseputiká wetóta weká pe pyrí ‘eu vou ficar para sempre com vocês’
 -semopépepéna vtr. ‘quebrar-se’
 osemopépepéna ‘se quebrou todo’
 -temún vtr. ‘mentir’
 otemúnamo ‘mentiu para ele’
 -semoaráj vtr. ‘brincar’
 -asemoaráj né rehé ‘eu brinco com você’
 -pyó vtr. ‘tocar, taquara’
 -oré oropyó ‘nós tocamos’
 -se kyhe isebise ‘meu mesmo’
 -na isarihi ‘não é dele’
 -u kyhe heruj ‘ele tem a faca dele’
 -ibiseoho ’anga ‘grande a casa’
 -eharimo ‘pode ir’
 -aseon wtota no ‘eu vim de novo’ (vir)
 -aseon wehano ‘eu voltei’ (indo)
 -meha ramo aha pota ‘quando você vier, eu vou’
 -sereha weka nerehe ‘eu lembro de você’
 -mereha rimo eeka se rehe ‘tu te lembras de mim’
 -pencha rimo peseka serehe ‘você se lembra de mim’
 -aken wetopa ne rehe ‘eu dormi com respeito’
 -utjiring ‘estalar’
 -etetymoa wtjiring ‘minha perna estalou’
 -so memyra rekape utarang ‘arrebentou’
 -ere ehaw ‘vá!’
 -asaramé ‘eu vim pela primeira vez’
 -oseengan ‘conte’
 -ipira weon ‘ele vem trazendo peixe’
 -warara’ía ‘vinha vindo do’
 owapew itobí ‘ele deitou de peito’
 -owapew asom ‘deitados de peito’
 -miatope ón ‘meu pai chegou’
 -asewýn wetóta no ‘eu volto de novo’

-asewýn ta wehá no ‘eu volto indo de novo’
 -ne harámo ahapota ‘depois do teu vir eu vou’
 -nehatawa ‘tua ida’
 -ama’é ne rehé ‘eu olho para você’
 -sé rorýweté ‘eu tenho muita alegria’
 -sérorym ‘eu tenho alegria’
 -se rom ‘alegria de mim’
 -se rorym ‘alegria de mim’
 -aken wetopa ne rehe ‘eu dormi com respeito a pose’
 -apoahym wetopa ‘eu sonhei com você’
 -se reakasym ne ohí ‘eu esqueci de ti’
 -sepyhyi sohong ‘pé adormecido’
 -se py syhyj soho ‘dormente’
 -se py sepi sepi ‘formigando’
 -opan ‘perdeu’
 -he ‘yj ‘muitos’-apyng ‘sentar’
 -wetoína ‘está sentado’
 -eakwapety mawanga ‘estar deitado’
 -ma apyng wewetoína/ ma po’omihi wetóina ‘não levanto fico só sentado’
 -nenerepo’omihi e’yjma ‘quando só quer ficar sentado’
 -iaky firamo ‘noverão a castanha ta verde’
 -ipiraoho osaro wypytsi’ao rehe ‘o boto fica bravo por causa da catanga do sangue’
 -re ropehyj ‘eu tô com sono’
 -okojwe okwapa ‘as castanhas abriu’
 -ikynga pype ‘ele dança ai ele senta’
 -nakawa’é ‘dançando’
 -ahapota há’ynga ‘eu vou pra provar’
 se’yohej ‘eu tô com sede’
 -marapa hepya? ‘qual o preço?’
 -se kywyoa ra’ira ‘traga outro pra mim’
 -ne ramomja ton ‘e para o teu avô vir’
 -kobe sowe atym ‘rápido eu planto’
 -kobekobe sowe amosong ‘eu teço rápido’
 -a weraweraw imosunga ‘eu teço rápido para você’

-amaman ‘força’
 -amamarahy ywa ‘eu jogo com força’
 -tata apopota tata kobesowe ‘vou fazer jogo rápido’
 -kobesowe asereha weka ‘eu estou pensando rápido’
 -apoahym wetópa ‘eu sonho deitado’
 -se pirahy ete ‘eu tô com muita raiva’
 -kobesowe se pirahy ‘rápido fica com raiva’
 -aseareka weka ‘preocupa’
 -amohyaly ‘eu’
 -heaweraweoam ‘ela está’
 -osekyj aka ‘tá doida’
 -kepurabyky ‘trabalha’
 -awa wahemimi ‘elas chegaram’
 -ri’a ‘tá vendo’
 -wahem rako ‘antes de enxergar’
 -mymysa ‘cozinhar’
 -merekpe ihapotari ‘fuma todo dia’
 -epo’eme ‘silêncio’, ‘cale a boca’
 -osym ‘descer’
 -konomia ‘eu me vou’
 -asan imo sehopa ‘eu venho para fazer filho’

ADVÉRBIOS

ausé ‘de jeito nenhum’
 anohí “não”

NOMES DE QUALIDADE E DE ESTADO

-se ‘engan wa’e ‘cantora’
 se ‘engahata ‘cantora’
 -kosóa ose ‘e’ngan ‘a mulher canta’
 -kosóa se ‘engahára ‘mulher cantora’
 -ehatàta ‘tonto’

-oto 'duro'
 -ipo 'pouco'
 -wapyng 'pintando'
 -keahun 'lustrado'
 -heaseham 'cego'
 -'i 'furo'
 -Kawisa se'engara 'morreu'
 -isukyra 'salgado'
 -se se'emy'yj 'eu faço barro'
 -ise'emy'yj 'ele faz barro'
 -ise'emy'ysoho 'faz muito barulho'
 -akuma'e[e] tóa 'homenageada'
 okwahaw takwara ypyw 'ele sabe tocar tabaca'
 -erekyse orewi 'você tem medo de mim'
 -epoema 'não faz barro'
 -naseremiariroihi 'não tenho dívida'
 -ka'ruwamo 'escrevendo'
 -akojte 'eu amo'
 -tsirara 'voando' (mais ou menos longe do falante e ouvinte)
 -woapyw 'ele'
 -wakapew 'virado'
 -imuoioyr isé 'amo'
 -iahapara 'o atravessador'
 -tsi remi'u mi'u 'trepar'
 -sapurenu 'vamos namorar'
 -tsikotawete 'meu querido'
 -heta arekareka 'falando para'
 -wara 'originário da'
 -ererok 'nossa casa'

PARTES DO CORPO

-py'a 'fígado'
 -ebikwaha 'ânus homem'

-upi'á 'botar ovo'
-se rapopíra 'lábio vaginal'
-iapytera 'cabeça'
-asakuj won 'eu visto meu pênis'
-serawyráto 'pênis'
-serakusa pína 'cabeça do pênis'
-serakuj pirera 'pele das pernas'
-serapi'á 'bolas'
-serapí'apirera 'saco'
-hamatsia 'vagina'
-ewikawana 'ânus'

NOMES DE PARENTESCO

-miatope 'paizinho'
-se mena 'u 'o 'é meu esposo'
se mena 'yma 'não é meu marido'
-se memyra o 'esse é meu filho sentado'
-se memyra osenog úpa 'meu filho tá deitado'
ibise ete 'grande'
-tywyra 'irmão mais novo'
-tywyra hubake 'o que tá perto é irmão dele'
-hesakarera 'filha'
-tyke'yra 'irmão mais velho do homem'
-moroiro my na henyra 'a irmã mais velha de todas'
-se mena 'meu marido'
-seremominoa 'neta de homem'
-seremiariroa 'neto de mulher'
-seremiariro wo 'eu já tenho neto'
-itwy'yma 'irmão'
-mirika mewyra 'filha de mulher branca'
-toria rasyra 'filha de homem branco'
-imo'íwa 'filho'
-se oekasara 'meu sobrinho', 'minha sobrinha', 'filho da irmã do homem'
-se renyra 'minha irmã'

-oré e'ýj ramo 'nosso parente'
-pawa'yahoso'pore'moa 'rapaziada'
-kosaty[i]tóa 'moçada'
-kosoetoa 'mulherada'
-akoma'eitóa 'homens'
-moroyrosoporemóa 'velharada homem'
-wajwísoporemóa 'velhadara mulher'
-waj'bisoremoa 'velhinha'
-wajwía 'velhas'
-konomiitóa 'meninada'

NOMES DE ANIMAIS

-tsitemáwa 'meu animal de estimação'
imomongohóa nome 'abelha graúda', 'a que trabalha produz mais ffilhos que as outras'
kaweíra nome 'abelha italiana'
-wyrá'yra 'passarinho'
sautipiyta nome 'abelha que produz pouco' (só no local do ninho)
eironohóa 'pequena', 'mais mel'
-woronaré nome 'abelha que dá pouco mel'
-tadzaho poryunga 'espécie de coruja'
-urukure'a 'coruja'
-pipíra 'passarinho'
-atsingaohoa 'be-te-vi'
-k-pykápykáwa 'borboleta'
orotóa 'esp.de abelha' (não produz mel)
-satebopewa 'carrapato'
-yebengohoa 'a libélula'
-yahóba saúva eomía o'o háwa 'essa formiga andando come folha'
-opotsipotsí saotsía 'brinquedo de naja'
-saotsía hewikwaoera 'bunda de jabuti'
-oha 'caranguejo'
-itosa 'sapinho'

-arapa/ sarapó/ iapema ‘peixe’
-oapo ‘jabuti’
-wyrá ‘pássaro’
-kuriupipína ‘grilo’
-sapewa ‘centopéia’
-tasahu ‘veado’
piratsiátsia ‘peixe pintado de amarelo na lateral’
-pinawo’oa ‘bacabão’ (olho do inaja) -sakato pe ‘sem nada’

NATUREZA

-yopá bahóa ‘lagoa’
-ypa ua ‘ilha’
-ywynapara ‘areia’

OUTROS NOMES

-iaraptsinga ‘alga’
-sakare ra’a ‘carne de jacaré’
-sai’oma ‘barra escura’
-tusuisnga ‘barra branca’
-ywytsinga ‘areia’
-tysonga ‘barro’ ‘lama’
-tawa ‘barro amarelo’
-so ohoa ‘sapucaia’
-ikawohoa ‘gordão’
-kawi ‘mingau’
-kawitsiiytsa ‘vinho de imajá’
-kawitsitytsa he’e ‘vinho doce’
-toymya ‘alma’
-obera ‘alma’
-i’onga ‘espírito’
-se roa ‘de noite’
-ywa’peo’ía ‘farinha de babaçu’
-ise’e ‘sal’

-sehowa ‘o que fez primeiro’
-samepía ‘panela grande’
-samepia pironga ‘pote’
- sa’a me bohoa ‘forma’
-kajpoa há wa ‘colher grande’
-ingo’a ‘pilão’
-imyrá ‘mão de pilão’
-ererek ‘nossa casa’
petywara ‘cachimbo’

NOMES DE CORES

-isukyry ‘azul’

ARTEFATOS

-mu’yra ‘colar’
-samepia ‘panela’ ‘bacia’
-somia bebe ‘avião’ ‘helicóptero’
arapetsnga ‘cocar’
-takujwona ‘estojo’
-ise’ngí sakymona ‘cauda fina’
-ise’engí ‘fraco’-o’ýwa ‘flecha de’
-tatsina’yw ‘agulha’
-arawá sewe ‘peneira’, ‘cesto’

PLANTAS E FRUTOS

-orori ‘palmeira’
ha’ýsa nome ‘caroço’
ha’ýsa we’é ‘caroço nascendo’
he’yj ha’ýsa ‘abunda semente’, ‘tem muito caroço’
-anirona ‘planta semelhante a ortiga’
-aninga ‘ortiga’
-ibopoa ‘semente’
-inasawa ‘palha do inaja’
-imata eté ‘coco babaçu’

- imatarawa ‘folha de babaçu’
- takuara ‘pequena’
- tapi’á ‘limão’
- inasywo’ao ‘mingau de palmito’
- há’a ‘fruta’
- inasa hara ‘cacho de’
- Satarara ‘cacho de banana’
- sosyaria ‘açai’
- su ‘espinho’
- takwara ‘arremeda onça’

PARTES DO DIA, HORAS E NÚMEROS

- murowisa ‘ainda cedo’
- ironga ‘quatro’
- irojate ete owewew arara ‘4 araras voando’
- kãrasero’aramo ‘de tarde’
- ipytunuhuramû ‘cedo da noite’
- ipyasej ‘meia noite’
- ko’emtaramo ‘madrugada’
- kwarahy oseopin ota ‘9 horas’
- kwarahypyteripe ‘meio dia’
- kwasasero’aramo ‘3 horas’
- kwarahya pirong pipiramo ‘cinco horas’
- kwarahya okeaha ‘pôr do sol’
- katueterawé ‘agora’

POSPOSIÇÃO

- pýt posp Ia ‘parte junto de (mais próxima)’
- amongé imóta wesepýri ‘eu fiz ele entrar junto comigo’
- asán né pýri wetorýwetéramo ‘eu vim junto de você feliz’
- se kyke eka ‘comigo’
- pype ‘dentro’

DEMONSTRATIVOS

- eokwe ‘aquela’
- a’e saisa ‘aquela que nós vimos’
- ’óngano ‘essa também’
- a’e aha ‘aquela foi’
- o’ng pa ‘é esse aqui’
- uysepe pa eré ‘é aquele la’
- onga apota ise ‘eu quero aquele’
- uysa apota isé ‘eu quero aquele’
- awá pa ewyj ‘quem é essa ali’ (mais ou menos longe do falante)
- awá pa’o (mais perto do falante e mais ou menos perto do ouvinte)
- ka emon se ope ‘algo pendurado’
- awareumawa pa a ‘deitado
- amareumaw pa o ‘sentado’
- eope se mena ‘esse em pé é o meu marido’
- ewy se mena ‘esse sentado é o meu marido’
- aputere’ym ’ongá ‘este em pé’
- aba apotan ‘esse eu quero’
- òsekatu angete ‘muito bonita’
- nairuihi eukwe utá ‘três lá vem’
- eokwesa ‘aqueles’
- kwe ahawa’e ‘lá longe’
- kwe ihaj ‘lá eles foram’
- se kyhe ewyj ‘encostado’
- se kyhe ewyi ‘furado’
- se kyhe eope ‘deitada’
- se kyhe eokwe ‘rosa está falando comigo’
- se memyre ope ‘esse é meu filho em pé longe’
- se memyra a ‘esse é meu filho em pé’
- ka akaba’e pepa ere ‘aquela que tava aqui’
- se ma’e eope ‘deitado’
- se ma’e ewyj ‘escorado’
- se apua ka ‘distante’

- kobekobe sowe hekaj ‘todo dia está’, ‘sempre está’
- ewy se memyra ‘essa’ (mais ou menos longe do falante)
- ibiseoho ’onga ’anga ‘grande esta casa’

8. Considerações Finais

Neste estudo apresentei os resultados da minha pesquisa que consistiu na leitura de materiais sobre a língua, cultura e história do povo Asuriní do Tocantins, e na pesquisa do acervo dessa língua construído ao longo de mais de uma década pela professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

Os resultados consistem, além do aprofundamento do meu conhecimento sobre uma das realidades indígenas do Brasil, uma contribuição singular aos estudos lexicográficos da língua Asuriní, que foi a inserção de novos dados ao dicionário Asuriní do Tocantins-Português, material muito importante para o fortalecimento da língua bastante ameaçada e, ao mesmo tempo, para a aprendizagem do português pelos Asuriní.

Este estudo abriu novos caminhos para a minha formação e soma contribuição aos esforços dos pesquisadores do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília em prol da documentação e fortalecimento da língua Asuriní do Tocantins.

9. Referências Bibliográficas

ANDRADE, Lucia Mendonca Morato de. **Corpo e o cosmos**: relações de gênero e o sobrenatural entre os asurini do tocantins. 1992. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992. . Acesso em: 19 jan. 2023.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Prefixos relacionais em Asuriní do Tocantins. *Moara*, Belém, v. 8, p. 7-24, jul./dez. 1997.

_____. *Suruí do Tocantins*: gravação de lista de palavras [1997]. Entrevistador: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. Marabá, PA, 1997. Cassetes sonoros. 577

_____. Flexão relacional na família Tupí-Guaraní. *Boletim da Abralín*, Fortaleza, n. 25, p. 233-262, dez. 2000.

_____. O desenvolvimento da marca de objeto de segunda pessoa plural em Tupí-Guaraní. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Estudos sobre línguas indígenas I*. Belém: UFPA, 2001. p. 117-145.

_____. O Observatório da Educação Escolar Indígena e a experiência piloto de formação de mestres e doutores indígenas em linguística teórica, descritiva e histórica no Brasil. *Teoria e Prática da Educação*, v. 16, n. 2, p. 157-168, 2013.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; LOPES, Jorge Domingues. *Suruí do Tocantins*: gravação de lista de palavras [abr. 2012]. Entrevistadores: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e Jorge Domingues Lopes. Brasília, DF, 2012a. Cartão de memória.

CABRAL, Ana Suelly A. C.; LOPES, Jorge D.; SILVA, Ariel P. C.; SOUSA, Suseile A. Esboço gramatical do Asuriní do Trocará. In: CABRAL, Ana Suelly et al. (Orgs.). *Contribuições para o Inventário da Língua Asuriní do Tocantins*: Projeto Piloto para a Metodologia Geral do Inventário Nacional da Diversidade Linguística. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas/UnB, 2012.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; LOPES, Jorge Domingues; SOLANO, Eliete de Jesus Bararuá. *Suruí do Tocantins*: vocabulário e enunciados [set. 2013]. Entrevistadores: A.S.A.C. Cabral, J.D. Lopes e E.J.B. Solano. São Domingos do Araguaia/São Geraldo do Araguaia, PA, 2013. 3 cartões de memória SD.

CABRAL, Ana Suelly A. C.; MASTOP, Luíza. *Suruí do Tocantins: enunciados* [fev. 2002]. Entrevistadoras: Ana Suelly Cabral e Luíza Mastop. São Geraldo do Araguaia, PA, 2002. 1 cassete sonoro.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Dicionário da Língua Asuriní do Tocantins*. Belém: UFPA/IFNOPAP; Brasília: UnB/IL/LALI, 2003. 267p.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; SILVA, Ariel Ariel Pheula do Couto; SOUSA, Suseile Andrade. Expressão do caso argumentativo em três línguas Tupí-Guaraní: Asuriní do Tocantins, Avá-Canoeiro e Zo'ê. *Anais do SILEL*, v. 3, n. 1, 2013. Uberlândia: EDUFU, 2013.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. A nomenclatura na família Tupí-Guaraní. *Boletín de Filología*, Montevideo, n. 43/45, p. 98-104, 1950.

_____. A classificação do tronco linguístico Tupí. *Revista de Antropologia*, v. 12, n. 1/2, p. 99- 104, jun./dez. 1964. (Republicado na *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 3, n. 2, p. 197-203, jul. 2012)

_____. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*, v. 27/28, p. 33-53, 1984/1985.

_____. *A originalidade das línguas indígenas brasileiras* [conferência realizada na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília em 08 de julho de 1999]. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas, 1999. 17p. Disponível em: <<http://www.laliunb.com.br>>. Acesso em: 03 dez. 2012.

_____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2002. 135 p.

_____. Para o estudo histórico-comparativo das línguas Jê. *Revista Brasileira de Linguística*.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. In: CABRAL, A. S. A. C., RODRIGUES, A. D. (Orgs.). *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Tomo I. Belém: UFPA, 2002. p. 327-337.

LOPES, Jorge Domingues. Uma interface da documentação linguística e modelos lexicográficos para línguas indígenas brasileiras: uma proposta para o Suruí-Aikewára. 2014. 599 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) —Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

_____. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: <<http://www.laliunb.com.br>>. Acesso em: 15 maio 2013.

Cabral, A. S. A. C. 1997. Prefixos relacionais em Asuriní do Tocantins. *Moara: Revista dos Cursos de Pós-graduação em Letras da UFPA*, 8:7-24. Belém.

Cabral, A. S. A. C. 2001. Aspectos da marcação de caso no Asuriní do Tocantins. In: Anais do XIII CONGRESSO DA ANPOLL. Niterói: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. CD-ROM.

Cabral, A. S. A. C. 2011. La langue Assuriní du Tocantins. In: Emilio Bonvini, Joëlle Busuttil et Alain Peyrabe (orgs.), *Dictionnaire des langues*, p. 1510-1517. Paris: Presses Universitaires de France.

Cabral, A. S. A. C & A. D. Rodrigues. 2003. Dicionário da língua Asuriní do Tocantins-Português. Belém : UFPA/IFNOPAP e UnB/IL/LALI.

Harrison, C. 1975. Gramática Asuriní. Brasília: Summer Institute of Linguistics. Nicholson, V. 1976a. Textos Asuriní: 25 histórias, 7 mitos. In: Arquivo Lingüístico, 15. Summer Institute of Linguistics, Brasília.

Nicholson, V. 1978. Aspectos da língua Asuriní. Brasília: Summer Institute of Linguistics.

Nimuendajú, C. 1948. Tribes of the lower and middle Xingú river. In : J. H. Steward (org.), *Handbook of South American Indians*, vol. 3, p. 213-243. Washington : Government Printing Office.

Rodrigues, A. D. 1952. Análise morfológica de um texto Tupí. *Logos* 15:56-77. Curitiba.

Rodrigues, A. D. 1984-1985. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní, *Revista de Antropologia*, p.27/28:33-53, São Paulo.

Rodrigues, A. D. 1996. Argumento e predicado em tupinambá. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística* 19:57-66.

Vieira M. D. 1994. O fenômeno da não-configuracionalidade na língua Asuriní do Trocará: um problema derivado da projeção dos argumentos verbais. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

Vieira, M. D. 1995. As construções relativas em Asurini do Trocará. In: *Atas do Congresso Internacional da ABRALIN*, Salvador: UFBA.

Vieira, M. D. 1995. The expression of quantificational notions in Asurini do Trocará: evidence against the universality of determiner quantification. In: E. Bach et al. (orgs.), *Quantification in natural languages*. Dordrecht: Kluwer.

Vieira, M. D. 1997. Reflexiones sobre una lengua de 'argumento pronominal': el caso Asurini del Trocará. In: *Actas de la II Jornada de Etnolingüística*, Universidad Nacional de Rosario, Rosario, Argentina.